



A *CALCATIO* NO JAPÃO DO SÉCULO XVII

CALCATIO IN 17TH CENTURY JAPAN

Christiane Meier¹

RESUMO – Este artigo tem por objetivo apresentar o apostolado através de imagens dos jesuítas no Japão e sua recepção nas artes do final do século XX e início do XXI. Discutiremos as questões pertinentes ao Império português e suas conquistas no Oriente; em seguida, veremos a missão catequética da Companhia de Jesus e seu apostolado pela arte pictórica. Percorreremos os diversos usos e funções das imagens católicas e seu emprego em terras nipônicas, tanto por religiosos como pelos fiéis e as autoridades locais. Por fim, observaremos a maneira inusitada de utilização das imagens de Jesus e da Virgem Maria e como este triste capítulo da história reverbera na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE – Arte religiosa, apostolado jesuítico, missão católica no Japão.

ABSTRACT – This paper aims to present the apostolate through images of the Jesuits in Japan and their reception in the arts of the late 20th and early 21st centuries. Issues related to the Portuguese Empire and its conquests in the Far East will be discussed and the Society of Jesus' catechetical mission and the evangelization through pictorial art will then be investigated. We will go through the different uses and functions of Catholic images and their usage in Japan, by priests, faithful people, and local authorities. Finally, we will observe the singular use of images of Jesus and the Virgin Mary and how this sad chapter of history reverberates in contemporary society.

KEYWORDS – Religious art, Jesuit apostolate, Catholic mission in Japan.



Introdução

Este artigo visa discutir a simbiose entre apostolado jesuítico no Oriente, em especial no Japão, e o uso da iconografia católica por parte de religiosos portugueses e de autoridades nipônicas no século XVII. Observaremos como a catequese e a conversão dos povos locais se deu através de estratégia dos missionários jesuítas, utilizando imagens de Jesus e de sua mãe, Maria. Por fim, após abordar a questão de usos e funções das imagens nas missões catequéticas, observaremos uma nova forma de emprego da iconografia cristã, introduzida pelas autoridades xogunais, para quebrar a vontade dos fiéis e levá-los a negar sua fé.

Cumprе informar que todas as traduções utilizadas no texto são nossas; já as imagens são de domínio público, retiradas da internet.

Missionários jesuítas e o Império português

Alguns autores, como Boxer (2002), Dias (2004) e Lúzio (2018), consideram o Império português um domínio marítimo voltado ao comércio; só tardiamente a Coroa fazia-se presente nas localidades conquistadas com seu aparato colonizador. Lúzio (2018) cita Boxer neste sentido: “No final do reinado do Rei Manuel, os portugueses tinham estabelecido o Estado da Índia como uma

talassocracia viável na Ásia”. (p. 38). Lúzio prossegue com palavras de Boxer para explicar o que entende por esse regime de governo: “um império nos mares, à exemplo dos fenícios e gregos” (*ibidem*, p. 38). Nota-se assim que, no final do século XV e durante o XVI, os portugueses constroem, por toda a costa africana do Atlântico, uma cadeia de fortificações e feitorias; estas serão erigidas, igualmente, no Índico, no Mar da China e em ilhas do Extremo Oriente, incluindo o Japão.

Dias (2004) corrobora com esta questão e informa que

Portugal nunca pensou em dominar territorialmente a Índia ou outras partes do Oriente. Interessava o comércio e não a produção dos bens que se comercializavam, pelo que a soberania lusa se limitou aos reduzidos espaços do interior das feitorias e das praças fortificadas. (p. 16).

Em 1455, “os portugueses receberam a permissão papal para comerciar com os sarracenos [...] e todas as demais nações estão estritamente proibidas de infringir o monopólio português das descobertas, conquistas e comércio, ou de interferir de algum modo.” (BOXER, 2002, p. 38). Lúzio (2018) chama a atenção para o documento papal *Aeterni Regis Clementia*, proferido em 21 de junho de 1481, no qual “ratificou todos os acordos estabelecidos entre a Santa Sé e os reis de Portugal [...] O sumo pontífice concedeu ao soberano e seus descendentes o



monopólio das navegações, ou seja, o direito de conquistar reinos e terra de ‘infíéis’”. (p. 39). Portanto, a Coroa portuguesa detinha o monopólio da navegação e do comércio desde o Atlântico até o Japão.

A este respeito, Boxer (2002) recorre à crônica de Diogo do Couto de 1612, em que se lê: “os reis de Portugal sempre pretenderam nessa conquista do Oriente, ao unirem assim os dois poderes, espiritual e temporal, que um jamais pudesse ser exercido sem o outro.” (p. 242) Pimenta (2013) fala de uma “dilatação da fé católica pelas redes ultramarinas” (p. 49), já que padres jesuítas viajam a bordo das naus portuguesas e fixam-se em terras conquistadas, erigindo igrejas e colégios, catequisando e batizando.

Interessante notar que os jesuítas desempenham também o papel de mercadores, conforme Boxer (2002) reporta: “[...] embora o Japão fosse produtor de seda, os japoneses preferiam a seda chinesa, crua ou tecida, porque era de qualidade superior. [...] O comércio da seda estava em grande parte nas mãos dos comerciantes e dos jesuítas de Macau [...]” (p. 78).

O primeiro catequizador em solo nipônico foi São Francisco Xavier (1506-1552), cofundador da Companhia de Jesus. Em 1541, ele parte para o Oriente; chega em 1549 a Kagoshima, sul do Japão. O início da missão no arquipélago nipônico coincide com um período de

guerra civil e um governo fraco e, em grande parte, descentralizado. Pimenta (2013) escreve que a “ausência de um poder central permitiu maior facilidade de propagação da fé católica” (p. 13).

A curiosidade da liderança japonesa não era só pela fé católica, mas igualmente por inovações trazidas por mercadores, marinheiros e religiosos. Contudo, “a postura destes líderes [nipônicos] passaria da curiosidade à desconfiança e, finalmente, à perseguição implacável.” (PIMENTA, 2013, p. 14). Em 1587, a situação muda e o governante, Hideyoshi, decreta a expulsão de todos os padres, concedendo-lhes vinte dias para que concluíssem seus afazeres e se retirassem do país - não obstante, passada a sua fúria, o decreto não foi cumprido.

Dez anos depois, chega ao conhecimento do líder japonês que um espanhol se gabara da grandeza de seu Império, dizendo que as ordens religiosas iam à frente “abrir caminho para as forças armadas do rei” (JOHNSTON, 2011, p. 14-15); imediatamente, ele manda crucificar vinte e seis missionários cristãos, portugueses e japoneses, na cidade de Nagasaki. Boxer (2002) cita o cronista franciscano frei Paulo da Trindade a este respeito:

As duas espadas do poder civil e do eclesiástico estiveram sempre tão unidas na conquista do Oriente que raramente encontramos uma a ser utilizada sem a outra; porque as armas só conquistam através do direito que a pregação do



Evangelho lhes dava, e a pregação só servia para alguma coisa quando era acompanhada e protegida pelas armas. (p. 242).

De 1597 até a promulgação definitiva do édito de expulsão, em 1614, os missionários viveram em constante apreensão e sempre sob suspeita. “No Japão, [...] a perseguição impiedosa infligida à cristandade pelo governo [...] a partir de 1614 teve como consequência o encerramento das atividades missionárias”. (BOXER, 2002, p. 251). Já em Pimenta (2013) lemos que a “repressão anticristã foi representada em seu nível máximo pelas medidas draconianas de Tokugawa Iemisu, que empreendera uma perseguição tão violenta aos cristãos que, segundo Luiz Felipe Thomaz, estes só teriam experimentado durante seus primórdios em Roma.” (p. 14). Johnston (2011) informa que “mesmo então, uma desesperada obra missionária clandestina foi mantida viva até que [...] a caça aos fiéis e sacerdotes cristãos se tornou tão sistematicamente cruel que varreu todo e qualquer vestígio visível de cristianismo.” (p. 16). De acordo com Boespflug (2007), “o período conhecido por *kirishitan*, do português ‘cristão’, de cerca de 1549 a 1640, foi dramático.”¹ (p. 387). O Japão

¹ “Die nach dem portugiesischen ‘christao kirishitan’ genannte Zeit ungefähr zwischen den Jahren 1549 bis 1640 war dramatisch.” (BOESPFLUG, 2007, p. 387)

corta então seus vínculos com Portugal e se fecha para o restante do mundo.

O apostolado dos séculos XVI e XVII no Japão

A “arte cristã, desde o final da Antiguidade, tem um aspecto missionário”², aclara Boespflug, citando Mariaux (2007, p. 376). Ele informa ainda que, de fato, a arte missionária toma corpo a partir das grandes descobertas marítimas nos séculos XV e XVI, quando, com a conquista de novas terras e povos, o horizonte geográfico e humano dos europeus se alarga. Neste sentido, o autor concorda com Pimenta que emprega o termo “dilatação da fé católica” no período das navegações.

Recordemos que as missões dos séculos XVI e XVII foram católicas, lideradas pelas Coroas de Portugal e Espanha. Padre Vieira anotou: “Se não houvesse mercadores que fossem procurar os tesouros da terra no Oriente e nas Índias Ocidentais, quem transportaria para lá os pregadores que levam os tesouros celestes? Os pregadores levam os Evangelhos e os mercadores levam os pregadores.” (VIEIRA *apud* BOXER, 2002, p.80). Lembrando que o Império português era marítimo e sem muita presença local da Coroa, chama a atenção o que lemos em

² “Die christliche Kunst hatte seit dem Ende der Antike einen missionarischen Aspekt.” (MARIAUX *apud* BOESPFLUG, 2007, p.376)



Pimenta (2013): “sem o apoio de instituições administrativas e militares, a propagação do evangelho no Japão não tinha outros aliados senão as estratégias de conversão dos missionários.” (p. 19).

As ordens religiosas transportaram não só os Evangelhos para o Oriente, como Vieira informa, mas também imagens que auxiliariam na catequese. Escreve Dias (2004) a este respeito:

os missionários e, dentre eles, muito particularmente, os jesuítas, mas também os de outras ordens, como os franciscanos e dominicanos, levavam uma verdadeira parafernália de objectos devocionais e pequenas obras de arte, para oferecer aos gentios que queriam converter e mesmo àqueles que já tinham abraçado a Fé Católica. (p. 32).

Boespflug (2007) é categórico ao citar o padre Matteo Ricci de que “as missões dos jesuítas, na China e no Japão, ilustram bem a ideia de apostolado de imagens, da propaganda artística.”³ (p. 381). Contudo, tratava-se exclusivamente de uma iconografia da Igreja latina, produzida na Europa ocidental, em especial, de gravuras feitas em Antuérpia. Segundo o autor ainda, “os jesuítas do final do século XVI eram os grandes clientes - e provedores de temas - dos gravadores em cobre.”⁴ (*ibidem*, p. 381).

³ “Die Missionen der Jesuiten in China und in Japan veranschaulichen gut die Idee eines Apostolats durch das Bild oder der künstlerischen Propaganda.” (BOESPFLUG, 2007, p. 381).

⁴ “Die Jesuiten des angebenden 16. Jahrhunderts waren die grossen Kunden – und Themengeber – der

Ressaltamos o fato de que, “nos primeiros contatos entre os jesuítas e japoneses, enquanto os missionários ainda não dominavam a língua local, era comum o uso de nativos para a tradução e pregação da doutrina cristã: os chamados línguas” (PIMENTA, 2013, p. 51). Assim é possível inferir que as imagens religiosas fossem coadjuvantes da catequese, como Boespflug (2007) indica ao falar do apostolado de imagens.

Cópias da Nossa Senhora atribuída a São Lucas, original que se encontra na basílica de Santa Maria Maior em Roma, encomendadas pelo vigário geral da Companhia de Jesus e entregues aos missionários em Lisboa em 1578, eram talvez as imagens mais divulgadas e empregadas na missão japonesa. Já figurações da Paixão ou da Crucificação eram evitadas nas catequese, dado que os japoneses se esquivavam de corpos em sofrimento por medo de impurezas, tema central no xintoísmo. (BOESPFLUG, 2007, p. 182-183). Observa-se desse modo que os missionários eram seletivos quanto a temas pictóricos empregados no Japão. O autor acrescenta ainda que os religiosos não almejaram adaptar a cultura visual local ao repertório cristão, mas substituir de forma completa as imagens existentes por cristãs. Ele cita Menozzi a este respeito:

Kupferstecher von Antwerpen.” (RICCI *apud* BOESPFLUG, 2007, p. 381).



Portanto, não se tratava de maneira alguma de direcionar os recursos figurativos da cultura autóctone para uma nova ordem, a fim de que expressassem os segredos da fé cristã, mas de substituir completamente as imagens existentes por imagens importadas da Europa.⁵ (MENOZZI *apud* BOESPFLUG, 2007, p. 383).

Adiante Boespflug (2007) acrescenta que “durante pelo menos dois séculos o caminho estava predeterminado, [...] fosse iconografia ou liturgia: apenas os modelos europeus eram permitidos.”⁶ (p. 386).

Usos e funções das imagens cristãs

Vimos que as missões jesuíticas – e mais tarde as franciscanas e dominicanas – foram, de fato, um ‘apostolado através das imagens’, segundo palavras de Boespflug. Nesse sentido, recordemos o termo cunhado por são Gregório Magno, que, no ano 600, em carta a Serenus, bispo de Marselha, escreveu que as pinturas e os mosaicos das paredes das igrejas são a ‘Bíblia dos iletrados’ (BASCHET, 1996). Segundo Baschet

(1996), trata-se de uma *literatura laicorum*, um substituto do texto sagrado com a finalidade de instruir, catequisar e converter os pagãos. Inferimos assim que as imagens cristãs levadas ao Japão eram empregadas também nesse sentido, dado que, pelo menos nos primeiros tempos, a comunicação dos padres com a população local não fluía e eles tinham que recorrer aos tradutores, os ‘línguas’. Assim, as gravuras auxiliariam nas explicações e corrigiriam algum eventual problema de tradução.

A partir da função de catequese e conversão, Baschet (1996) aponta para outras duas funções das imagens: a de instigar a memória e a de mover o espírito. Segundo o autor, “aprender não é apenas descobrir, mas também **lembrar**, de modo que o papel da imagem é manter vivo o pensamento das coisas sagradas” e prossegue dizendo que “pode **mover** o espírito, despertar um sentimento de compunção que permite um elevar em direção à adoração a Deus.”⁷ (p. 8, grifos do original). Ele acrescenta ainda que, a teologia da imagem dos séculos XII e XIII, amplifica essas noções com a ideia de “*transitus*, de passagem para as realidades invisíveis

⁵ “Es ging also überhaupt nicht darum, die figurativen Ressourcen der autochthonen Kultur in eine neue Richtung zu lenken, so dass sie die Geheimnisse des christlichen Glaubens ausdrücken, sondern um die vollständige Ersetzung der bestehenden Bilder durch die aus Europa importierten Bilder.” (MENOZZI *apud* BOESPFLUG, 2007, p. 383)

⁶ “Für zumindest zwei Jahrhunderte war der Weg vorgegeben, [...] ob es sich um die Ikonographie oder die Liturgie handelt: Nur die europäischen Modelle waren zugelassen.” (BOESPFLUG, 2007, p.386)

⁷ “apprendre ce n’est pas seulement découvrir mais aussi ‘se remémorer’, de sorte que l’image a pour rôle d’entretenir la pensée des choses saintes” [...] “peut ‘émouvoir’ l’esprit, susciter un sentiment de componction qui permet de s’élever vers l’adoration de Dieu.” (BASCHET, 1996, p. 8)



através das coisas visíveis.”⁸ (*ibidem*, p. 8). O autor fala então de três funções da imagem cristã: aprender, lembrar e mover. Gombrich (2012), por sua vez, formula a questão a partir de outro ângulo: “reconhecidamente, nenhuma ação humana e nenhuma criação humana tende a servir apenas a um fim: frequentemente, encontramos uma hierarquia inteira de fins e de meios. Mas podemos também notar um propósito dominante [...]”. (p. 14).

Gärtner (2021), por sua vez, resume as funções da imagem cristã mencionadas por Baschet de forma didática:

[...] em primeiro lugar, imagens são usadas para fins didáticos. Elas são particularmente úteis para os *illiterati* e servem ao ensino e à celebração. Em segundo lugar, elas fomentam a memória da história da Salvação, uma vez que, por meio de imagens pictóricas, as narrativas são retidas de forma particularmente duradoura. Em terceiro lugar, as imagens despertam emoções, tocam a alma e o coração e encorajam a oração e a meditação. No entanto, as imagens não acrescentam nenhum conteúdo novo à tradição e ao ensino cristãos, mas antes servem para revelar o seu significado, levar a um conhecimento aprofundado e a uma memória mais intensa. Através de suas qualidades emocionais, contribuem para uma identificação mais forte com a mensagem cristã [...]”⁹ (p. 95).

⁸ “*transitus*’, de passage vers les réalités invisibles à travers les choses visibles.” (BASCHET, 1996, p.8)

⁹ “[...] dienen Bilder erstens der Behlerung. Sie sind dabei insbesondere für die Illiterati hilfreich und unterstützen die Lehre und Predigt. Zweitens fördern sie die Erinnerung an die Heilsgeschichte, da sich die Geschichten durch die bildliche Vergegenwärtigung besonders nachhaltig einprägen. Bilder wecken drittens Emotionen, berühren

Hoeps (2020) escreve que “imagens religiosas são expressão e veículo de funções religiosas. Nas tradições religiosas, imagens não são feitas aleatoriamente; elas servem a determinados propósitos de representação visual e ao arranjo pictórico de espaços e tempos especiais.”¹⁰ (p. 7). Boespflug (2020) recorda-nos que a iconografia pode ser “eco (ou uma segunda voz) na proclamação dos Evangelhos ou dos dogmas”¹¹ (p. 207).

No âmbito das representações pictóricas, explica Hoeps (2020), não devemos “questionar somente o O QUE iconográfico de seu conteúdo, mas igualmente o PARA QUE de seu emprego.”¹² (p. 7). Ele divide as imagens

Seele und Herz und begünstigen die Andacht und Meditation. Bilder fügen der christlichen Tradition und Lehre jedoch keinen neuen Inhalt hinzu, sondern dienen vielmehr der Enthüllung ihres Sinns, führen zu ihrer tieferen Erkenntnis und zu einer intensiveren Erinnerung hieran. Durch die emotionalen Qualitäten tragen sie zu einer stärkeren Identifikation mit der christlichen Botschaft [...]. (GÄRTNER, 2021, p. 95)

¹⁰ “Religiöse Bilder sind Ausdruck und Träger religiöser Funktionen. In religiösen Traditionen werden Bildwerke nicht um ihrer selbst willen hergestellt: sie dienen vorgegebenen Zwecken der visuellen Darstellung und der bildlichen Ausstattung besonderer Räume und Zeiten.” (HOEPS, 2020, p. 7)

¹¹ “Echo (oder als zweite Stimme) der Verkündigung des Evangeliums oder des Dogmas begriffen werden.” (BOESPFLUG, 2020, p. 207)

¹² “die nicht nur nach dem ikonographischen Was ihrer Darstellungsinhalte, sondern auch nach dem Wozu ihrer Verwendungszusammenhänge zu befragen sind.” (HOEPS, 2020, p. 7)



em dois grandes grupos, de acordo com sua função: com finalidade litúrgica/de memória dos mortos e com o propósito de ensinar/catequisar.

Na liturgia, as imagens pictóricas aclaram, comentam, realçam a celebração e alargam seu horizonte (HOEPS, 2020). Dado que elas se encontram nas igrejas, locais não só de celebração da eucaristia, mas também de memória da vida, paixão e ressurreição de Jesus, e da *vitae* de mártires, essas representações pictóricas reavivam a memória. Já as imagens utilizadas na catequese, normalmente, de pequeno formato e móveis, são apropriadas para o ensino da história sagrada. Segundo o autor, “na catequese, as imagens servem para memorizar o conteúdo dado que, por sua vez, é ensinado através das ilustrações de cenas bíblicas correspondentes”¹³ (HOEPS, 2020, p. 12). Também a Igreja, nos concílios de Niceia II (787), de Trento (1563) e do Vaticano II (1963), se pronunciou nesta direção a respeito das funções das imagens – de tocar e fazer memória, instruir e edificar, e serem veneradas. (BOESPFLUG, 2020, p. 205)

Lembrando as palavras de Boespflug (2007) de que a expansão das missões para o Oriente, nos séculos XVI e XVII, foi sobretudo um movimento católico e que os missionários portugueses

desembarcam em terras orientais com “uma pastoral de imagens e uma base doutrinal iconófila”¹⁴ (p. 377), tenhamos em mente então os usos dessas imagens por missionários: catequese, conversão, auxiliar da celebração e veneração. Já os convertidos poderiam portá-las para mostrar sua nova identidade cristã, usá-las como signo de pertencimento a um grupo, venerá-las, entre outros usos possíveis.

Não obstante, é interessante notar um emprego inusitado das imagens cristãs levadas ao Japão: a de pisá-las a fim de renegar a fé. Verificamos que, no século XVII, durante a perseguição aos cristãos, em especial aos jesuítas, as autoridades nipônicas utilizaram-se de imagens de devoção católica para levar fiéis a apostatarem, invertendo o uso comum desta iconografia. A cerimônia de calcar placas metálicas com o rosto de Jesus ou de Nossa Senhora ficou conhecida como *fumi-e*¹⁵ e era comum na região de Nagasaki, onde o cristianismo persistia na clandestinidade. Lemos a esse respeito em Yamashiro (1989):

Edo [sede do governo e antigo nome de Tóquio] toma todas as medidas imagináveis para erradicar definitivamente o Cristianismo do território nipônico.

¹³ “In der Katechese dienen die Bilder der Einprägbarkeit von vorgegebenen Inhalten, die mit Illustrationen oder mit der Darstellung zugeordneter biblischer Szenen erläutert werden.” (HOEPS, 2020, p. 12)

¹⁴ “mit einer Bildpastoral und einer ikonophilen Lehrgrundlage.” (BOESPFLUG, 2007, p. 377)

¹⁵ Salvo em citações diretas que grafarem diferentemente, adotamos a grafia ‘*fumi-e*’, de acordo com o site do Museu Nacional de Tóquio, onde se encontram várias dessas peças. Ressaltamos que as imagens são denominadas *fumi-e* e a cerimônia da *calcatio* é chamada de *e-fumi*.



Contudo, apesar da violenta repressão, muitos japoneses cultuam secreta ou disfarçadamente (fingindo seguir culto budista) a doutrina cristã. [...] Mandar pisar imagens de Cristo ou da Virgem constitui um dos métodos usados pelo regime para descobrir cristãos. (p. 80).

Já Pimenta (2013) informa o que segue sobre a cerimônia do *e-fumi*:

Quanto à religião cristã, a perseguição fora atroz. Além da expulsão e execução de grande número de cristãos, o xogunato instituiu a prática chamada de *efumie*, literalmente “pisar em imagens”, na região de Kiushu. Esta medida era uma espécie de cerimônia onde uma imagem sacra católica, de madeira ou metal, era colocada sobre o chão e os súditos deveriam pisar sobre elas, provando assim a sua apostasia.

Esta prática tornou-se inclusive parte do ritual de ano novo, integrando-se na cultura social da região de Kiushu, marcando o fim da presença do cristianismo no Japão. (p. 100).

Em Johnston (2011) lemos que, após a proibição do cristianismo no Japão, milhares de fiéis professavam sua fé na clandestinidade e cumpriam com as exigências das autoridades, executando “a ordem de pisar na imagem sagrada; e hoje, no Museu Nacional de Tóquio, ainda podemos ver aquelas *fumie* que ficaram gastas e brilhantes de tanto terem sido pisadas pelas centenas de pés [...]” (JOHNSTON, p. 20).



Figura 1

Fumi-e, Nossa Senhora, menino Jesus e santos, Museu Nacional de Tóquio, século XVII



Em reportagem preparatória à visita do Papa Francisco em novembro de 2019 à Nagasaki, os repórteres da rede britânica BBC, Yvette Tan e Hideharu Tamura, descrevem as perseguições aos cristãos naquela cidade:

Por volta de 1620, as autoridades avaliaram que não era suficiente expulsar os líderes religiosos. Deveria haver uma forma de arrancar a religião dos corações das pessoas.

A solução? O *fumie*. Essa era uma imagem entalhada, geralmente em painéis de madeira, retratando Cristo ou Maria. Cada pessoa que vivia em Nagasaki recebeu ordens para pisar no *fumie*. Logo se tornou uma prática conduzida no início de cada ano.

Os jornalistas citam Ramos, professor de estudos japoneses da Escola Francesa do Extremo Oriente: "era uma obrigação, os plebeus, os samurais, os monges budistas, até pessoas doentes não podiam perder — as autoridades levavam os painéis de madeira para as casas delas. Cada pessoa tinha de fazer isso" (RAMOS *apud* TAN e TAMURA, 2019). Paramore, professor de estudos asiáticos da Universidade Nacional da Irlanda, reporta que, ao se recusarem a pisar a imagem, os cristãos eram torturados "pendurando-os sobre uma cova cheia de excrementos. Eles cortavam fendas nas suas têmporas para aliviar (a pressão) para que eles não morressem" (PARAMORE *apud* TAN e TAMURA, 2019). O objetivo das autoridades era, no entanto,

o de quebrar sua convicção e a levá-las a apostatar, a negar a fé e não as matar.

A prática do *e-fumie* perdurou por duzentos anos, até que o Japão voltasse a se abrir ao mundo e os cristãos fossem tolerados outra vez, como explicam os repórteres: "Lá pelo fim do século 19, o Japão decidiu abrir suas fronteiras outra vez. Em 1858, a prática do *fumie* foi abolida de Nagasaki. Em 1873, a proibição ao Cristianismo no Japão foi finalmente abolida — mais de dois séculos após entrar em vigor." (TAN e TAMURA, 2019).

A *calcatio*/o calcar de imagens cristãs

Pisar uma imagem de Jesus ou da Virgem Maria era um ato difícil mesmo para aquele que, ao final, renegasse a fé. Nesse sentido, Tan e Tamura recorrem às palavras de Hull, professor de catolicismo japonês na Universidade Católica Junshin, Nagasaki, para descrever o que os apóstatas faziam, terminado o evento: "esses voltavam para casa 'implorando a Deus que os perdoasse'. Em uma comunidade, eles até queimavam sandálias que haviam usado, misturando as cinzas com água antes de bebê-la como expressão de sua profunda penitência." (HULL *apud* TAN e TAMURA, 2019).

Observemos mais atentamente a questão do pisar uma imagem no âmbito cristão. A dificuldade de se pisotear uma imagem devocional, a qual deveria ser dada toda deferência, era a de atribuir-lhe um valor negativo, desprezível, de



repulsa. Neste sentido, temos que voltar à carta de Paulo aos coríntios, na qual ele descreve o triunfo do Nazareno sobre a morte: “Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a Morte, pois ele tudo pôs debaixo dos pés dele.” (1Cor 15, 25-26, grifo do original). Na iconografia da Crucificação há, muitas vezes, um crânio abaixo da cruz - o triunfo final do Redentor. Voltando ao caso do *e-fumi*, o

que estava a ser pisado, o que estaria debaixo dos pés era o inimigo, contudo não mais na iconografia da morte e do mal, mas de Jesus e Maria.

O calcar tem longa tradição na iconografia da Igreja cristã, sendo uma das primeiras imagens a do Cristo *militans* do século V, pisando a cabeça do leão e da cobra. João dá nome à serpente: “Foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, o chamado Diabo ou Satanás [...]”. (Ap 12, 9).

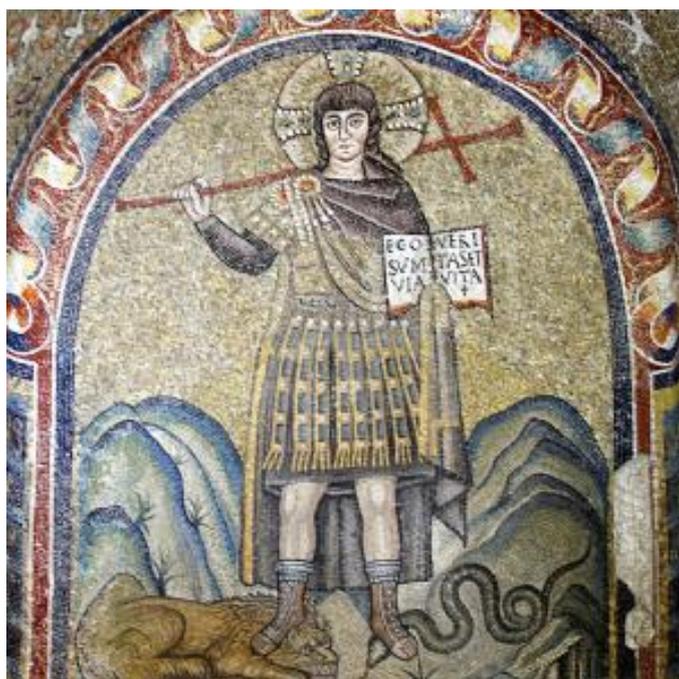


Figura 2

Cristo *militans*, capela arcebispal, Ravena, século V

Há também imagens da Virgem pisoteando a serpente, como a Nsa. Sra. da Conceição, padroeira de Portugal, iconografia baseada em Genesis 3,15,

onde Deus amaldiçoa a víbora e lhe diz: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela



te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.”

Assim inferimos que os missionários a serviço da Coroa portuguesa no Japão conheciam abundantes figurações da *calcatio*, seja de Jesus ou de Nsa. Sra. da Conceição, e fariam a conexão com o mal e a morte ao serem obrigados a pisarem a iconografia sagrada. Seria um ato maior e mais profundo do que, eventualmente, as

autoridades japonesas atinassem ao introduzir o ritual de apostasia. Muitos morreram por sua fé ao não colocarem o pé sobre a imagem, mas alguns poucos missionários se curvaram e o fizeram, mais por compaixão com os cristãos japoneses que seriam mortos, caso eles não pisassem, do que pela convicção de renegar a fé.



Figura 3

Nossa Senhora da Conceição, Peter Paul Rubens, século XVII

Shusako Endo, escritor católico japonês, descreve o problema em seu livro ‘O Silêncio’. A ficção foi levada às telas de cinema por Martin Scorsese em 2016 e teve estreia no Vaticano, em 1º de dezembro daquele ano, na presença de

centenas de jesuítas e convidados. Notamos assim que eventos difíceis para a Igreja do século XVII ainda reverberam na memória de católicos japoneses e nas artes, no século XXI.



Em artigo publicado em 21/01/2017 na revista digital *‘Religión’*, o teólogo jesuíta espanhol, Pe. Juan Masiá, escreve a respeito da recepção do livro em um momento subsequente ao Concílio Vaticano II, encerrado em 1965.

O romance de Shusako Endo foi publicado em 1966, ano da minha chegada ao Japão. Nos debates sobre literatura e religião, as opiniões se dividiam: de um lado estavam aqueles que exaltavam o “Graham Greene japonês”; do outro lado, aqueles que suspeitavam da heterodoxia da obra, suposta apologia de atitudes apóstatas. (MASIÁ, 2017)

Já sobre o filme, o autor destaca a questão do Cristo representado na placa a ser pisoteada, ponto importante para cristãos: a humildade de Jesus. O Logos que se fez carne e habitou entre nós o fez por amor à humanidade. Deus ama tanto Sua criação e envia a segunda pessoa da Trindade Santa para viver e morrer e assim salvar a todos. Mas o Filho não nasce em uma família rica, não vive entre poderosos e ricos, se submete a todo tipo de humilhação por amor ao homem. Jesus lava os pés de Pedro, permite que soldados romanos zombem Dele e, por fim, é crucificado e morto, desce ao inframundo para salvar Adão e Eva e assim toda a humanidade.

Marko Ivan Rupnik (2019), artista sacro jesuíta, cita são Gregório de Nisa neste sentido: “desce o Filho de Deus, torna-se Pastor, torna-se Homem, encontra Adão morto, coloca-o nos

ombros, feito igual à ovelha, também Ele entra no túmulo.” (p. 50) Ele acrescenta: “É Deus quem desceu até nós.”. (*ibidem*, p. 157) Este ‘descer até nós’, o humilhar-se para nos salvar que Pe. Masiá aponta em seu artigo: Jesus fala com o protagonista do livro e do filme e, humildemente, pede que seja calcado e assim salve os japoneses cristãos ameaçados de morte.

No clímax do filme e do romance, a voz do **Pisoteado** quebra o silêncio: o crucificado convida para pisar em quem “foi abaixado para isso, veio para isso”, quebra o silêncio divino, para transformar o silêncio do Pai em clamor do Filho, posto do lado das vítimas de modo incondicional e irreversível, submisso e comprometido. A partir desse momento o tema deixa de ser o silêncio, para converter-se na voz do **Pisoteado**. (MASIÁ, 2017, grifo do original)

Considerações finais

Verificamos que a missão católica no Japão foi um apostolado por imagens; seu uso foi intenso na catequese e conversão da população local, dado que a comunicação oral entre europeus e nipônicos não fluía. Missionários católicos traziam-nas da Europa latina, em especial da Antuérpia, e não permitiam a adaptação da iconografia local para a catequese ou devoção.

No início do século XVII, com a proibição do cristianismo no arquipélago e a consequente expulsão dos religiosos, o Japão se fecha ao mundo e passa a perseguir os cristãos locais. Para tanto, o



xogunato introduz a cerimônia do *e-fumi*, do calcar uma imagem de Jesus ou de Maria, para fazer apostatar aqueles que ainda professavam a fé na clandestinidade.

Inferimos que os missionários a serviço da Coroa portuguesa conheciam abundantes figurações da *calcatio*, seja de Jesus ou de Nsa. Sra. da Conceição, de grande devoção em Portugal, na época, e poderiam fazer a conexão com o mal e a morte ao serem obrigados a pisar a iconografia sagrada. Seria um ato maior e mais profundo do que, eventualmente, as

autoridades japonesas atinassem ao introduzir o ritual de apostasia.

A formalidade passou a ser anual, já que o xogunato suspeitava de um cristianismo professado ilegalmente. Aos olhos de um devoto como o protagonista do livro de Endo e do Pe. Masiá, o ato que deveria ser de negação e repulsa, passou a ser de humildade devocional, de salvação. Criou-se assim uma forma inusitada de uso e função da imagem pictórica cristã, que reverbera ainda no século XX e XXI nas artes literária e cinematográfica.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASCHET, Jérôme. *Introduction: l'image-objet*, Cahier du Léopard d'Or, volume 5: 1996

Bíblia de Jerusalém, Paulus: 2016

BOESPFLUG, François. *Christliche Kunst ausserhalb Europas (16.-21. Jahrhundert) Einige Orientierungspunkte (Daten, Paradigmen, Probleme)* em HOEPS, Reinhard (editor). *Handbuch der Bildtheologie, Band 1, Bild-Konflikte*, Verlag Ferdinand Schöningh, Paderborn: 2007

_____. *Sacra doctrina. Bilder der Lehre – Lehre der Bilder* em HOEPS, Reinhard (editor). *Handbuch der Bildtheologie, Band II, Funktionen des Bildes im Christentum*. Verlag Ferdinand Schöningh, Paderborn: 2020

BOXER, Charles R. **O império marítimo português 1415-1825**, Cia. Melhoramentos, São Paulo: 2002

COUTO, Pe. Francisco em [A Imaculada Conceição e a história de Portugal | Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura \(snpcultura.org\)](#), publicado em 06.12.2015 e acessado em 03/09/2021

DIAS, Pedro. **Arte indo-portuguesa**, capítulos da história, Livraria Almedina, Coimbra: 2004

GÄRTNER, Claudia. *Religionen Lernen mit Bildern* em HOEPS, Reinhard (editor). *Handbuch der Bildtheologie, Band IV, Kunst und Religion*, Verlag BRILL - Ferdinand Schöningh, Paderborn: 2021

GOMBRICH, Ernst H. **Os usos das imagens** – estudos sobre a função social da arte e da comunicação visual, Bookman companhia editorial, Porto Alegre: 2012



HOEPS, Reinhard. *Einleitung* em *Handbuch der Bildtheologie, Band II, Funktionen des Bildes im Christentum*. Verlag Ferdinand Schöningh, Paderborn: 2020

JOHNSTON, William em ENDO, Shusaku. **O silêncio**, Editora Planeta Terra, São Paulo: 2011

LÚZIO, Jorge. **O Império português e o percurso comercial do marfim**: a África no caminho para as Índias, em *Sagrado marfim: o avesso do avesso*, Museu de Arte Sacra de São Paulo, São Paulo: 2018

MASIÁ, Pe. Juan. **Em 'Silêncio', o Pisoteado rompeu o silêncio**, Revista ihu on-line, janeiro de 2017, em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564247-em-silencio-o-pisoteado-rompeu-o-silencio>, acessado em 07/09/2021

PIMENTA, Pedro A. **Jesuítas no Japão**: o discurso sobre os percalços da cristianização, dissertação de mestrado na Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói: 2013 em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1687.pdf>, acessado em 20/04/2021

RUPNIK, Pe. Marko I. **A arte como expressão da vida litúrgica** – conferências do 11º ENAAS, Edições CNBB, Brasília: 2019

TAN, Yvette e TAMURA, Hideharu, em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50550605>, acessado em 18/07/2021

YAMASHIRO, José. **Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII**, IBRASA – Instituto brasileiro de difusão cultural Ltda., São Paulo: 1989

ⁱ Mestre em Ciências Humanas pela UNISA – Universidade Santo Amaro e graduada em Tradução pela Johannes Gutenberg Universität, Mainz, Alemanha.